

#30 | ABRIL | 2012

BETAR & ARTES LETRAS

Arte Portuguesa do séc. XX

Vale a pena ir ao Museu do Chiado ver o que de melhor se fez
na última metade do século passado

B
Betar

ENTREVISTA
ARO.
PAULO DAVID

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Com o regresso da primavera, chega mais um número da Artes&Letras, repleto de boas propostas culturais.

E para fazer jus à estação, mas sobretudo em benefício de todos os que lutam contra a leucemia, o concerto “A Primavera da Vida” junta Rui Veloso, Luís Represas, Carminho, Boss AC, Nancy Vieira, Camané, Paulo Flores e João Gil, num espectáculo que promete surpreender.

Quando tanto se fala dos projectos que ficam por executar, BAIXA Atelier lembra-nos que nem tudo se perde e que no processo criativo que é o projecto, muitas e diferentes interpretações da mesma obra vão sendo construídas a diferentes escalas. Sob o tema “Revelar o Invisível”, podemos ver na Galeria Megarim, em Lisboa, uma mostra das maquetas – imaginadas, recriadas, experimentadas – que este atelier realizou ao longo dos seus 21 anos de existência.

Já lá fora, as propostas expositivas passam por obras de Edgar Degas e Alighiero Boetti.

Nos palcos do Teatro Nacional Dona Maria II e do Teatro Cornucópia, José Gomes Ferreira e Luís Miguel Cintra encenam “As aventuras de João sem medo” e “Fingido e Verdadeiro”, respectivamente. Duas peças a não perder!

Mais a norte há também muito para apreciar a vários níveis. Leia as sugestões de Maria João Duarte e explore a cidade do Porto.

Sugestões têm também Sérgio Costa e Gonçalo Wahnnon que, generosamente, partilham as suas preferências na literatura e no cinema.

Quanto à entrevista, este mês “fomos” até à Madeira para ouvir o arquitecto Paulo David. Na era da tecnologia não seria o oceano que nos impediria de dar a palavra ao mais jovem laureado da medalha Alvar Aalto, como não foi esse - ou qualquer outro - oceano que impediu que o seu talento e a sua arquitectura fossem reconhecidos em todo o Mundo.

‘Pode ser mais entusiasmante fazer uma casa para um amigo na minha localidade do que fazer uma torre na 5ª avenida em Nova Iorque para utilizadores desconhecidos’



Grutas de São Vicente



Centro de Artes da Calheta – Casa das Mudanças

Eis a opinião do Arq. **Paulo David**.
Por Cátia Teixeira



A sua arquitetura está totalmente enraizada na geografia do território da Madeira. De onde vem essa saudável obsessão pelo arquipélago?

De certa forma sim, especialmente a construída. A dita “saudável obsessão” parte de uma condição simples e clara: nasci e vivo no arquipélago. Este exercício de uma presença continuada num determinado lugar convoca desde logo uma relação de magnetismo a esse próprio lugar. Estrutura sistemas de afetos e, como não vivemos sem estes sistemas, enraizamos num lugar, num sentido que desencadeia o assombro. Tal como uma grande árvore, que se fixa num suporte, com raízes que mergulham no terreno, com esbeltos e extensos ramos espalhados em todas as orientações. Assim nasce a árvore da vida.

O júri do prémio Alvar Aalto disse que “os edifícios projetados por Paulo David podem ser considerados tanto paisagem como arquitetura”. Como é que consegue essa fusão perfeita entre a obra e a natureza?

Não sei se consigo, estou sempre na incerteza apaixonante de encontrar suporte na plataforma paisagística. O arquiteto Paulo Mendes da Rocha afirma que “a geografia é a primeira arquitetura”. Cristalizar essa geografia, num exercício da arquitetura que, por si só, é revelador de uma ação de grande transformação, sem dosear uma sobre a outra, pode ser um propósito. Isto é, a arquitetura não precisa ser mais protagonista do que a própria natureza. A paisagem é esse todo, artifício e natureza. Se o meu exercício da arquitetura responder a esta equação, fico naturalmente satisfeito.

Sente uma responsabilidade acrescida para com a sua região sabendo que a arquitetura na Madeira tem um papel importante na economia do turismo?

A arquitetura deve ter sempre um papel importante em todas as economias, senão não justifica fazê-la. Logo à partida, a grande importância da arquitetura é estruturar uma economia de vida para as pessoas, o seu propósito é propor vida. O turismo, sendo aqui

a primeira expressão da economia, revela-se de uma grande importância. É uma economia “parasita”, vive da excelência dos lugares, logo cabe-nos prolongar e não danificar esses lugares. A arquitetura tem um papel crucial porque está constantemente a responder a esse propósito, estruturando novas existentes paisagens, não danificando esses lugares motivadores de visita.

Quais são as maiores dificuldades que encontra por fazer arquitetura num local periférico? Neste contexto de crise em que vivemos, está a ser mais difícil ter encomenda local?

É ultraperiférico. Fazer arquitetura aqui é estar na periferia da ultraperiferia. Mas a geografia não condiciona o pensamento. Pode condicionar a construção, no limite, mas esta contingência pode ser uma locomotiva para fazer. George Perec escreve um livro sem usar uma vogal. Esta é uma boa referência, como todas as contrapartidas podem levar para uma arquitetura onde as condicionalidades se convertem

em oportunidades. Isto leva-nos a que o pensamento nos conduza para uma riqueza criativa inesperada. A crise é mais uma contingência. E a arquitetura sempre resistiu a todas.

Os arquitetos mais novos conseguem subsistir sem ter de procurar trabalho fora do arquipélago? Preocupa-o que saiam da região?

O arquipélago é um ponto geográfico como outro qualquer. É possível estar aqui e trabalhar para outro lugar, hoje esse problema não se coloca. Há todo um conjunto de condições técnicas para residir num lugar e executar trabalho noutra parte do mundo. Estamos perante um território vasto de conexões e mobilidades. Viver numa ilha não é propriamente ser uma ilha. Deixe-me contar uma relação interessante: na história da música local, com a emigração dos Madeirenses para várias partes do mundo, uns deslocaram-se para o Havai, onde transportaram um instrumento musical típico, o rajão, que acabou por influenciar a música dessa região. No regresso, esse instrumento veio com mais uma corda, que acabou também por influenciar a música tradicional da ilha. Não me preocupa a saída dos arquitetos da região. Pode causar transtornos, quanto muito, o não regresso.

O último arquiteto que entrevistei, José Forjaz, disse que se sente em casa trabalhando em qualquer parte do mundo. O arq. Paulo David não está, ou esteve, interessado em fazer projetos no continente ou no estrangeiro?

Pode ser mais entusiasmante fazer uma casa para um amigo na minha localidade do que fazer uma torre na 5ª avenida em Nova Iorque para utilizadores desconhecidos. Contudo, estou sempre a sair da região de diferentes for-



Reformulação da Baía de Câmara de Lobos

mas em contextos de exposições, publicações, conversas ou viagens.

Depois de várias distinções, recebeu, este ano, a Medalha Alvar Aalto. Independentemente da importância dos prémios, que significado tem para si saber que é reconhecido pelo seu contributo para a arquitetura?

Já tive a oportunidade de afirmar que não contabilizo essa importância até porque é vaga ao remeter para uma só pessoa. Existe um grande contributo de uma orquestra maior. Costumo dizer que não existem bons arquitetos sem bons donos de obra. O reconhecimento tem, desde logo, esse contributo de transmitir uma determinada consideração para uma obra, no limite, para um percurso. Estou convencido que qualquer arquiteto consegue fazer uma excelente obra pelo menos uma vez na vida. O grande desafio é fazer continuamente. Ter duas grandes obras é extraordinário. Mas um grande contributo pode passar também por decidir não fazer. No momento atual, onde existe desesperadamente a necessidade de construir, decidir não fazer é tão importante como fazer bem. Se um arquiteto acha que não vai acrescentar valor, pode e deve dizer não. Estou mais entusiasmado neste contributo da arquitetura, a capacidade de valor acrescentado a um lugar. Instalar generosidade e sapiência no processo ético da intervenção é uma obrigação maior.

Se gosta de fábulas, não deixe de assistir à peça “As aventuras de João sem medo”. Se prefere jogos irónicos sobre a vida, aconselhamos “Fingido e verdadeiro”



As aventuras de João sem medo

João sem Medo é um pequeno burguês gabarola, um herói, um “fala-barato de imprecisões e graçolas populares, desprezador dos tiranetes e dos poderosos e, sobretudo, cheio de alegria de existir, de respirar, de acreditar nos bons sentimentos e de inventar monstros para os destruir e vencer”. O texto é um exemplo de simbiose entre um ambiente mágico, a rasar o universo surrealista, e uma preocupação ética. Escrito em 1933, por José Gomes Ferreira, em 26 folhetins, para a gazeta juvenil, “O Senhor Doutor”, sob o pseudónimo de Avô do Cachimbo, “As Aventuras de João sem Medo” foi, e ainda é, considerado um prodígio de efabulação e engenho narrativo. Uma história, construída para crianças e para adultos, que não deixa ninguém indiferente.

Teatro Nacional Dona Maria II

Data: Até 21 de Abril
 Encenação: José Gomes Ferreira
 Interpretação: Alexandre Lopes, Hugo Franco, Marco Paiva, Mia Farr, Miguel Sermão, Tânia Alves



Fingido e verdadeiro

Esta peça é uma desconstrução do texto de Lope de Vega, “Lo Fingido Verdadero”, com citações de Santo Agostinho, Tertuliano, Louis Jouvet e Jean Genet. A ação passa-se no século III, no tempo do imperador Diocleciano, e fala do mártir S. Gens, um ator que ao representar a figura de um cristão, a pedido do Imperador, se converte, e em consequência disso é condenado à morte. A peça de Lope de Vega, apesar de pouco representada nos nossos dias, é fundamental no conjunto da obra do autor, na medida em que, através da própria linguagem teatral, constitui uma autêntica segunda versão da arte poética contida no texto teórico: “Arte Nova de Fazer Comédias”. O espetáculo pretende ser um divertimento e um jogo irónico sobre a verdade, a mentira, a vida e a ficção.

Teatro do Bairro Alto/ Cornucópia

Data: De 29 Março a 29 Abril
 Encenação: Luis Miguel Cintra
 Interpretação: Dinis Gomes, Duarte Guimarães, Cleia Almeida, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Miguel Melo, Ricardo Aibéo, Sofia Marques, Tiago Manaia; Vítor de Andrade

Em Abril ainda nos apetece fechar numa acolhedora sala de cinema. José Mendonça apresenta mais duas opções. Saiba qual é a sua opinião e decida o que mais lhe agrada

NO GRANDE ECRÃ

Florbela Uma alma inquieta



Título original: Florbela
De: Vicente Alves do Ó
Com: Albano Jerónimo, Carmen Santos, Dalila Carmo, Ivo Canelas, José Neves
Género: Drama
Classificação: M/12
Portugal, 2011, 119min
Sala: UCI

O cinema português encontra-se numa boa fase. Depois de “Sangue do meu sangue”, é a vez de “Florbela” impor uma forte presença. No filme, Florbela separa-se, de forma violenta, de António e refugia-se no novo casamento com Mário Lage, em busca de estabilidade e de inspiração para a escrita. Mas a vida de esposa de província mal é conciliável com a sua alma inquieta. Estamos no período do salazarismo e o próprio país vive momentos de instabilidade. Ao receber uma carta do irmão Apeles, oficial da Aviação Naval, Florbela corre para perto dele onde passa por um período conturbado. O marido tenta resgatá-la para a normalidade mas Florbela vive num imaginário febril onde tem apenas que escrever! Este filme retrata uma fase da vida de Florbela Espanca, uma mulher que viveu de forma intensa, sobretudo para a escrita.

A Dama de Ferro Um encontro com o passado



Título original: The iron lady
De: Phyllida Lloyd
Com: Meryl Streep, Anthony Head, Harry Lloyd, Jim Broadbent, Richard E. Grant
Género: Biografia
Classificação: M/12
Reino Unido, 2011, 105min
Sala: UCI

Apesar de muito bem classificado nos Óscares, “A dama de ferro” não me pareceu um grande filme. À exceção de Meryl Streep, cuja interpretação ilumina toda a película, o resto tem, na minha opinião, um interesse mediano, sem grandes pontos fortes. No filme, conta-se parte da história da ex-Primeira Ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, que, anos depois da morte do marido, decide remexer no seu guarda roupa, o que desencadeia uma sucessão de memórias que a fazem pensar se toda a sua vida terá valido a pena. E as memórias são tão sagazes que Denis aparece-lhe tão real como quando estava vivo. Margaret chega mesmo a ter dificuldades em dormir e sente que precisa de se ver livre desse passado. Creio que, no meio de tantas histórias que envolvem a história deste período e desta personalidade, este filme podia ter muito mais interesse.



clássicos

Férias em Roma

Se Wyler soubesse o sucesso que tinha em mãos, poderia modificar o título do seu filme para “Assim nasce uma estrela”. Antes de ser escolhida para interpretar a princesa de “Férias em Roma”, Audrey Hepburn aparecera somente em algumas películas europeias e numa produção da Broadway. Mas o papel que marcou a sua estreia americana assentava-lhe na perfeição. A magia do cinema tinha criado uma nova, e verdadeira, Cinderela. Curiosamente, a obra de Wyler revela-nos o outro lado da fábula da Cinderela. A princesa Ann, cansada da pompa e circunstância que rodeiam as suas tarefas oficiais, faz-se passar por uma rapariga comum.

É nesse contexto que encontra o jornalista Joe Bradley que vê nela a oportunidade do maior furo da sua carreira mas, à medida que a vai conhecendo, os seus escrúpulos impedem-no de se aproveitar da sua inocência. Ao passearem por Roma, Joe e Ann apaixonam-se, sabendo, porém, que lhes é impossível manter um romance, devido às respetivas posições. Decidem então desfrutar da beleza da cidade, porque o tempo que terão juntos será, certamente, curto.

Título original: Roman holiday
De: William Wyler
Com: Gregory Peck, Audrey Hepburn, Eddie Albert, Hartley Power
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1953, 118min

Por uma boa causa, para reviver o passado, ou para conhecer grandes nomes do presente, seja qual for o motivo, vá assistir a um concerto e passe um bom momento



Primavera da Vida

Dia 19 de Abril, às 21h, no Pavilhão Atlântico

CONCERTO

Rui Veloso, Luís Represas, Carminho, Boss AC, Nancy Vieira, Camané, Paulo Flores e João Gil são os nomes da 5.ª edição de “Primavera da Vida”. Momentos ímpares e improváveis irão celebrar a música, com verdadeiras surpresas para os fãs de cada um dos artistas, que poderão ouvi-los em registos únicos. O bilhete permite fazer a diferença na vida de todos os que lutam contra a Leucemia.



Sétima Legião

Dia 4 de Maio, às 21h30, no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

O concerto é só para o mês que vem, mas a Artes&Letras antecipa-lhe a notícia tão aguardada. Os Sétima Legião estão de volta aos palcos, após anos de ausência. Há muito esperado, o regresso da banda surge no ano em que se comemora o 30.º aniversário da sua fundação. Temas como “7 Mares”, “Por quem não esqueci” ou “Glória” vão ser recriados por Pedro Oliveira, Rodrigo Leão e Nuno Cruz.



Il Divo

Dias 28 e 29 de Abril, às 20h30, no Pavilhão Atlântico

JAZZ

O grupo clássico mais bem sucedido da atualidade prepara-se para mais uma tournée pelos 5 continentes. Depois de esgotarem salas de espetáculos em mais de 130 cidades os Il Divo regressam a Lisboa para mais momentos inesquecíveis a nível musical e visual. Os fãs vão poder ouvir os seus grandes sucessos e também músicas do novo álbum “Wicked Game”, que será lançado na Europa a 28 de Novembro.



Sub-reptício, corpo clandestino

De 26 a 29 de Abril, vários horários, no Teatro São Luiz

DANÇA

Este é um trabalho coletivo que assinala o Dia Mundial da Dança e o Dia da Liberdade e que leva Ana Borralho, João Galante, Vera Mantero, Rita Natálio, Joclécio Azevedo e os demais artistas a expor uma ideia de dança: uma dança do corpo todo e de tudo o que o rodeia, que tudo absorve para existir, que tudo cruza e entre-cruza, que não separa o corpo do espírito.



Concertos em abril

por António Cabral

Em Abril, concertos mil! É claro que não são mil, são bastante menos, mas damos ênfase ao popular acontecimento da música clássica no CCB: Dias da Música em Belém

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

www.musica.gulbenkian.pt

7/4, às 17h (Grande Auditório)

Transmissão do MET de New-York da ópera “Manon” de Massenet, com Anna Netrebko (s.) (Legendas em português)

14/4, às 19h (Grande Auditório)

Recital do grande pianista romeno Radu Lupu com três obras marcantes da “literatura” pianística: “Preludio Coral e Fuga” (Cesar Franck), “Improvisos Opus 142” (Schubert) e o “Livro II dos Preludios” (Debussy).

15/4, às 19h (Grande Auditório)

A Orquestra da Juventude Mahler, Dir. Ingo Metzmacher e Iréne Theorin (s.) num programa que concilia Richard Wagner (excertos do “Tristão e Isolda”) e três “modernistas” do Sec. XX: Anton Webern, Bernd Alois Zimmermann e Alexander Scriabin. Um programa que foge bastante ao trivial e que é, por isso, muito aconselhável.

16/4, às 19h (Grande Auditório)

Os mesmos intérpretes ainda com Wagner (excertos do “Crepusculo dos Deuses”) e a “Sinfonia nº 7, Opus 60” (dedicada ao Cerco de Leninegrado) de Dmitri Chostakovitch, uma das suas obras mais célebres (programa não menos aconselhável que o do dia anterior).

19/4, às 21h e 20/4, às 19h (Grande Auditório)

Referimos este concerto porque o programa inclui a primeira audição de uma obra do compositor português Pedro Amaral (1972): “Transmutatio para Orquestra” (Nº5.3) É importante conhecer também o trabalho dos nossos melhores compositores vivos.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

www.ccb.pt

5/4, às 21h

Ensemble Divino Sospiro, Dir. Massimo Mazzeo, Beborah York (s.) e Romina Basso (m.s.). No programa composições de Francisco António de Almeida (1702/1755), António Vivaldi (1678/1741) e Pergolesi (1710/1736) (o “Stabat Mater” e a cantata “La Maddalena al Sepolcro”). Um exemplar programa de música do Sec. XVIII.

27, 28 e 29/4

Dias da Música em Belém, em diferentes espaços e a diferentes horas. Ver programa definitivo em www.ccb.pt.

TEATRO DE SÃO CARLOS

www.saocarlos.pt

12/4, às 21h

Orquestra Gulbenkian, Dir. Pedro Neves e Sequeira e Costa (pn.). No programa a “sinfonia nº 4, Opus 16” de Joly Braga Santos e o “concerto para piano e orquestra nº 3, Opus 30” de Sergei Rachmaninov. Uma das sinfonias dum grande sinfonista português do Sec. XX e o romântico Rachmaninov pelo decano dos pianistas portugueses (o maior pianista português do seu tempo).

Este mês, expõem-se obras de artistas com provas dadas, divulga-se o trabalho dos mais novos e faz-se uma apologia geral à arte portuguesa do século XX. Não perca

CULTURGEST

Michael E. Smith

Até 13 de Maio

Michael E. Smith trabalha com objetos quotidianos e materiais industriais, submetendo-os a transformações que frequentemente despistam o seu reconhecimento. Muitas das suas obras parecem dar testemunho de uma violência extrema e irreparável que sobre esses corpos se abateu. O modo rarefeito como o artista as instala no espaço expositivo acentua uma impressão de ruína, de abandono, de perda. Se soubermos que Michael E. Smith cresceu e vive em Detroit, cidade devastada pela degradação e por uma pobreza endémica, resultantes da falência dos setores industriais, encontramos aí uma chave de leitura do seu trabalho. A forte imersão do artista na cultura hip-hop durante a adolescência e juventude é outro dado biográfico significativo para entender a combustão criativa que atravessa a sua prática artística.



GULBENKIAN

Quatro estações

Até 20 de Maio

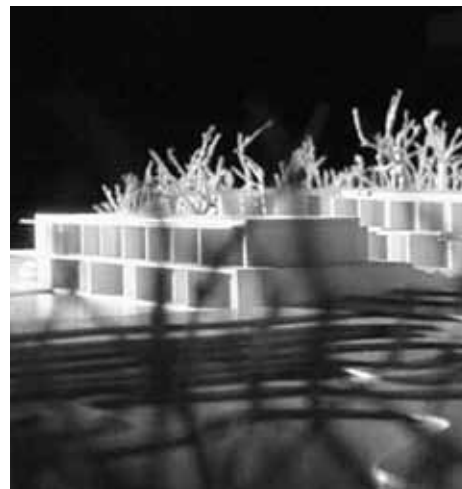
Beatriz Milhazes inspira-se no ambiente tropical e na história e cultura do Brasil para criar os motivos básicos das suas pinturas plenas de cor. Flores, arabescos, ornamentos abstratos, formas geométricas e padrões rítmicos cruzam-se nas suas composições, expandindo um espaço plano cuja profundidade surge da dinâmica dos elementos decorativos. Esta exposição é constituída por quatro novas pinturas monumentais representando as quatro estações do ano, acompanhadas por sete impressionantes colagens, uma escultura móvel e uma obra inédita, em vinil, criada especialmente para esta mostra. É a primeira vez que a artista, que também se dedica à cenografia e conceção de palcos teatrais, fachadas, têxteis e cerâmica, trabalha com pinturas de grandes dimensões.

ESPAÇO MEGARIM

Revelar o Invisível

De 12 de Abril até 11 de Maio

As maquetas surgem do desejo do desenho e da performance espacial. Muitas são de concursos, outras de encomendas diretas, algumas investimento... Todas constituem uma bolsa de soluções, ideias e inovações. Projetos em fase inicial ou execuções elaboradas, maquetas de estudo ou de representação final, que por diversas razões nunca chegarão a realizar-se, representam mais de 80% da produção normal de um gabinete de arquitetura. Constituem um corpo invisível da produção dos ateliers e representam esforço intelectual e físico ignorado. “Revelar o invisível”, o que é ignorado mas que representa o fundo criativo do Baixa Atelier, permite juntar a única construção que lhes foi “adjudicada”: o modelo ou a maqueta; simulação desejada de uma realidade imaginada. Estas maquetas, estes projetos, são arquitetura.



MUSEU DO CHIADO

Arte Portuguesa do século XX (1960-2010)

Até 27 de Maio

A mostra “Arte Portuguesa do século XX (1960-2010)” completa o ciclo de três exposições da coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea, iniciado em Abril de 2011 para comemorar os 100 anos de existência da instituição. Ao percorrer o último meio século da história da arte portuguesa, a exposição revela também as vicissitudes do funcionamento do próprio museu. Se, durante a direção de Eduardo Malta (1959-67) o museu passou por um período de retrocesso cultural, entre 1988 e 1994 conheceu uma reorganização global sob a direção de Raquel Henriques da Silva (1988-98). Durante a direção de Pedro Lapa (1998-2009) inaugura-se um processo de renovação e a coleção conhece uma atualização sem precedentes, passando a abranger a segunda metade do século XX e novas tipologias, como a fotografia e o vídeo.

LÁFORA

Edgar Degas, Paloma Polo e Alighiero Boetti estão representados nas grandes galerias de Paris, Madrid e Londres. Opções válidas para uma escapadela ao exterior



Museu d'Orsay, Paris

Degas e o nu

Até 1 de Julho

Depois da homenagem a Claude Monet e a Edouard Manet, o Museu d'Orsay dedica uma primeira grande exposição a Edgar Degas para mostrar o avanço do conhecimento sobre os grandes mestres da segunda metade do século XIX. Esta exposição explora a evolução de Degas na prática da representação do nu, do registo do corpo nos tempos modernos. Na mostra são apresentadas todas as técnicas praticadas por Degas, com o mais alto nível de sofisticação: pintura, escultura, desenho e impressão.

Museu Rainha Sofia, Madrid

Paloma Polo: Posição aparente

Até 23 de Abril

Num projeto que estudou as expedições astronómicas durante os séculos XIX e XX, Paloma Polo (Madrid, 1983) examinou certos momentos históricos que mostram as relações complexas entre o desenvolvimento científico e expansão colonial europeia. Focando a questão de Sir Arthur Stanley Eddington em 1919 que confirmou a teoria da relatividade de Einstein, o artista apresenta os seus laços com a escravidão em fazendas de cacau no Golfo da Guiné.



Tate Modern, Londres

Alighiero Boetti

Até 27 de Maio

Alighiero Boetti foi um dos artistas italianos mais importantes e influentes do século XX. Era um membro chave entre os jovens artistas, no final dos anos 1960, que trabalhavam com formas radicalmente novas. Boetti utilizava materiais industriais, selos, canetas e capas de revistas. Entre 1971 e 1979, criou grandes bordados coloridos. O mais famoso foi um grande mapa do mundo em que cada país apresenta o design da sua bandeira. Na exposição estão também obras nunca vistas no Reino Unido, como o icónico Auto-Retrato, de 1993.

PORTO

Este mês, comemore o 25 de Abril na rua e siga pelo menos uma destas sugestões de Maria João Duarte. No Porto, claro!

Música

ALFÂNDEGA: “Aurea”(28). **HARD CLUB:** “David Fonseca”(5), “Santos & Pecadores”(28). **TEATRO SÁ DA BANDEIRA:** “Blasted Mechanism”(7), Rouxinol Fanduncho(25,26). **COLISEU:** “The King Story - Elvis, o Rei do Rock”(8), “Sheherazade e as mil e uma noites”, Ravel e Rimsky-Korsakov (14), “Moonwalker,Tributo Musical a Michael Jackson”(16). **CASA DA MÚSICA:** “A Naifa”(12), “Luísa Sobral”(13); “Souls of Fire”, banda reggae roots portuguesa (14), “Simone” (15) “Marc-André Hamelin”, piano (21); “Aloe Blacc”, norte-americano Soul e R&B (24), “Digitópia Colective”, música concreta (25); “Sétima Legião”(29), The Magnetic Fields (1mai). **TEATRO HELENA SÁ E COSTA (ESMAE):**”Joe Murphy”, saxofonista (8). **RECITAIS DE MÚSICA DA C.M.PORTO** (17h30): Qta de Bonjóia-Catarina Sereno, Canto (14); Palacete Visconde de Balsemão-Ensemble de Sopros(28) e Trissono(12mai).

À descoberta do Porto

A Igreja e o Colégio de S. Lourenço (ou Igreja dos Grilos) foram construídos pelos jesuítas em 1577 em estilo maneirista barroco, com doações de fiéis. Após a expulsão dos jesuítas (1759), a igreja foi doada à Universidade de Coimbra até a sua compra (1780) pelos Frades Descalços de Sto Agostinho, vindos de Espanha para o “sítio do Grilo” em Lisboa, que ali ficaram até 1832, quando as tropas liberais de D. Pedro a ocuparam. Hoje o conjunto pertence ao Seminário Maior. Aqui (até 26 mai) pode ver o “Plenilúnio de Primavera”, Celebrações da Semana Santa, em Valladolid, Medina de Rioseco, em Espanha e Nocera Terinese, em Itália.

Exposições

CASA DO INFANTE: “Clarabóias e Lanternins do Porto” do fotógrafo Fernando Aroso (até7). **MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA:** “250 Anos de Imprensa Literária (até30). **CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:** “Way Home” (até 13 mai); “Mulheres de Camilo”, as 9 mulheres que mais marcaram a personalidade de C. Castelo Branco (até 24 jun).

Teatro

TEATRO CAMPO ALEGRE: “Uma noite para esquecer” - Alvim com convidados (19). **TEATRO CARLOS ALBERTO:** “Diz-lhes que não falarei nem que me matem” (12 a 22). **COLISEU:** “Fuga” com José Pedro Gomes e Maria Rueff “ (27 a 29). **ESMAE:** “O Guardião do Rio” (12 a 6 mai); “O Medo que o General não tinha” (12 a 6mai). **TEATRO DO BOLHÃO** - Academia Contemporânea do Espetáculo: “Édipo Rei” de Sófocles (12 a 6 mai). **GALERIA DA BIBLIOTECA MUNICIPAL ALMEIDA GARRETT:** “História do Sábio fechado na sua Biblioteca” (21 a 18mai).

E ainda...

“**SERRALVES AO LUAR**”, percorrer o jardim à noite (21). **MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS:** “Território Animação”: como se faz cinema de animação - crianças e adultos (até 15). **CASA DA MÚSICA:** “Danza Preparata”, Rui Horta celebra o 100º aniversário do nascimento de John Cage (11); “Fauna e Flora”, Concertos para todos com teatro e marionetas (21); workshop: “Percussão Tradicional Portuguesa”(21); **DIA INTERNACIONAL DOS MONUMENTOS E SÍTIOS** (18): **CASA DO INFANTE** Visita + pequeno circuito pedonal na zona envolvente.

As realidades portuguesa e afegã, ou partes delas, com a devida ficção à mistura, são os destaques dos livros deste mês. Em ambos o enredo é entusiasmante. Por Cátia Teixeira



Khaled Hosseini *Mil Sóis Resplandecentes*

Tendo como palco o instável Afeganistão dos últimos 30 anos, é apresentada uma história plena de sensibilidade que, parecendo tão real, quase nos transporta para o cenário imaginado por Khalid Hosseini. O autor, que já antes tinha escrito “O Menino de Cabul”, um romance de enorme sucesso adaptado ao cinema, apresenta-nos aqui casos de desafio à vida humana, provações que somos levados a ultrapassar só porque vivemos num cenário de guerra, ainda por cima num país onde as mulheres são sujeitas a todo o tipo de privações e maus tratos. É um livro emocionante, que trata deste tipo de assuntos como nenhum outro, e que consegue de forma brilhante descrever-nos sentimentos, contados por cada uma das personagens na primeira pessoa. A certa altura, com tanta intensidade, chega a apetecer-nos entrar no livro para ajudá-las a enfrentar os seus dramas.



Mil Sóis Resplandecentes
Khaled Hosseini
Editorial Presença, 2007



Robert Wilson *Último Acto em Lisboa*

Para quem gostar do estilo policial, encontra em Robert Wilson um verdadeiro especialista na arte de contar histórias. Este livro, um dos dez deste autor inglês (vive há anos em Portugal), desenvolve-se em dois cenários: a Alemanha da 2.ª Guerra Mundial, com um protagonista, Klaus Felsen, proprietário de uma fábrica em Berlim; e a Lisboa de final dos anos 90, com um crime sexual contra uma jovem adolescente, investigado por Zé Coelho, inspetor da PJ. As histórias são misturadas ao longo do livro, numa espécie de passado e presente, contados em simultâneo. Acabamos por perceber, depois de voltas e mais voltas, num enredo fenomenal, que os assuntos se cruzam. Mas não da forma mais óbvia, o que dá uma certa magia a um livro policial. Ainda por cima, como conhece bem a capital portuguesa, Wilson oferece-nos descrições quase perfeitas da vida em Portugal na viragem do século.



Último Acto em Lisboa
Robert Wilson
Gradiva, 1999

Já aqui falámos de Casablanca, o que só prova que há muitas pessoas que o aconselham. Se não viu, está na altura. E se não leu o livro que Sérgio Costa recomenda, considere também a hipótese

Um livro da minha vida

SÉRGIO COSTA



Milan Kundera

A insustentável leveza do ser

Começo pelo título. O livro sempre existiu lá em casa e lembro-me de olhar aquela lombada com curiosidade, atraído pelo desafio que a contradição encerra. Havia respeito também, como tem que haver, por um livro que nos ameaça com a insustentabilidade do ser, assunto que mesmo em tenra idade, ainda insensível a questões estruturais ou existenciais, sabia grave.

Quando o li, fi-lo compulsivamente, inebriado pela formidável viagem ao âmago de nós que Kundera nos proporciona.

Como fio condutor, o narrador conta-nos a estória de Tomas e Tereza, dois personagens unidos por um amor comovente e turbulento. O narrador começa por apresentar Tomas, um médico talentoso de Praga, intencionalmente livre de compromissos. É nesse contexto de “leveza” que conhece Tereza, rapariga de uma cidade pequena, sufocada e mal amada pela mãe e padrasto. Entrega-se a Tomas com o mais puro dos amores, refém desse sentimento avassalador e “pesado”.

Enquanto nos conta a estória das personagens, Kundera discorre sobre o ser, debruçando-se sobre as contradições, umas vezes sufocantes, outras vezes libertadoras. O problema de Kundera, para o qual nos vai arrastar, é que olhando para as contradições universais - luz-sombra, quente-frio, ser-não ser - a todas é possível atribuir um pólo positivo e outro negativo. Em todas excepto no par peso-leveza.

O primeiro instinto talvez seja escolher a leveza como positivo. A beleza é de certeza leve e, muito provavelmente, a felicidade também. Contudo, o autor não nos permite esta convicção por muitas páginas. Afinal, a vida só tem sentido no intenso e no real - no pesado - sendo um bom exemplo o amor.

Esta ambiguidade, que está na essência do nosso ser, dará o mote ao desenrolar da estória. Definirá Tomas, apaixonado e totalmente dedicado a Tereza, disposto a mudar de país por ela, mas incapaz de abandonar as amantes, entre elas Sabina, uma pintora atormentada pela convencionalidade (o kitsch), leve, sem pátria nem instinto de fidelidade, o oposto de Tereza. É da tensão esmagadora que se abate sobre estas vidas e as suas relações que se faz este romance imperdível, contrastando a leveza insustentável da vida humana quando projectada no drama esmagador de uma nação ocupada pelo regime soviético.



A Insustentável Leveza do Ser

Milan Kundera
Dom Quixote, 2009

Um filme da minha vida

GONÇALO WAHNON



Michael Curtiz

Casablanca

É um dos grandes cult movies e não apenas para mim.

Michael Curtiz usou os ingredientes certos para tornar “Casablanca”, realizado durante a guerra, num dos filmes mais amados de sempre. Senão vejamos: temos Rick, o cínico/apaixonado, o duro/coração mole, que afoga um amor antigo em whisky e cigarros; temos o seu bar, onde funciona um casino clandestino que toda a gente conhece e frequenta e onde tudo se passa; existe Ilsa, cujo coração quer Rick, mas a razão e o dever fazem-na seguir o marido, herói da resistência. Tudo acontece numa cidade ocupada, apresentando-nos um vilão – o militar alemão – e um polícia francês colaboracionista que gosta de prender the usual suspects, quando há mais agitação nas ruas. E ainda dois temas musicais poderosos: a “Marselhesa”, cantada a plenos pulmões por toda a gente no dito café (sinto sempre um aperto no peito nessa altura!) contrapondo-se ao Deutschland über alles provocatório cantado pelos ocupantes - a liberdade abafando a tirania; e a frase mágica – “Play it again Sam. For the old times” – pedida por Ilsa a Sam, o pianista negro que, a contragosto, canta a melodia que perpassa todo o filme.

No final, e resumindo, Rick assiste à partida do avião que transporta Ilsa e o marido, levando com eles a promessa de um mundo livre. O filme acaba com Rick e o gendarme venal, recém-convertido à causa – vemos, metaforicamente, o polícia lançar uma garrafa de água de Vichy para o lixo - afastam-se, comentando ser aquele o início duma bela amizade.

O cineasta pegou em tudo isto e, nas doses certas, com vários momentos de humor e diálogos que se tornaram antológicos, criou um dos mais belos filmes de sempre e na melhor das propagandas da causa aliada.

Mas ao ver os dois personagens, de costas para o espectador, afastando-se lentamente, penso em como houve uma época em que havia uma razão para lutar e que liberdade, igualdade e fraternidade não eram palavras vãs. Onde isso já vai! Belos tempos, esses...





Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. PAULO DAVID**

**CENTRO DE ARTES DA CALHETA
- CASA DAS MUDAS**